

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

20 e 27 de Fevereiro de 2024

50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI COM ESTA ESPADA? - Futuro

PRZYPADEK / 1981

“O Acaso”

Um filme de Krzysztof Kieslowski

Argumento: Krzysztof Kieslowski / *Diretor de fotografia (35 mm, cor, formato 1:66):* Krzysztof Pakulski / *Cenários:* Rafal Waltenberger / *Figurinos:* Agnieszka Domaniecka / *Música:* Wojceh Kilar / *Montagem:* Elzbieta Kurkowska / *Som:* Michal Zarnecki / *Interpretação:* Boguslaw Linda (*Witek Dlugosz*), Tadeusz Lomnicki (*Werner*), Zbigniew Zapasiewicz (*Adam*), Boguslaw Pawelec (*Czuszka*), Marxena Trybala (*Werka*), Jacek Borkoswki (*Marek*), Jacek Sas-Uhrynowski (*Daniel*), Monika Godzik (*Olga*) e outros.

Produção: Film Polski / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e eletrônicas em português / *Duração:* 122 minutos / *Estreia mundial:* Polónia, 10 de Janeiro de 1987 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 9 de Julho de 2018, no âmbito do ciclo “Cem Anos de Cinema Polaco”.

Em 1981, quando realizou **Przypadek**, Krszystof Kielowski era um cineasta que se aproximava dos quarenta anos e tinha no seu currículo quatro longas-metragens e uma vintena de curtas. Fez-se notar na segunda metade dos anos 70, quando cada estúdio da Polónia tinha a obrigação de confiar um primeiro filme a um jovem cineasta, o que garantia um certo fluxo de sangue novo no sistema, como observa Boleslaw Michalek num artigo de 1988 sobre as mudanças no cinema polaco, em que acrescenta, que “o último decénio de vida deste sistema produziu resultados apreciáveis. Os anos 70 foram um período particularmente febril, dominado por preocupações sociais, morais e políticas. Pois bem, este cinema que foi definido como o «da inquietude moral», de que fazia parte Krszystof Kielowski, tinha como tema principal a corrupção e a instrumentalização social. No seu ímpeto (que os fazia, às vezes, descurar a elaboração estética) estes cineastas souberam atingir um público, talvez não enorme, mas muito fiel e sensível à mensagem deste cinema”. Se esta era a posição de Kielowski e dos seus colegas de geração quando rompiam os anos 80, qual era a situação da Polónia? A mais incerta possível ou talvez demasiado certa. A eleição de um papa polaco (e ultraconservador) em 1978 teve consequências políticas internas imediatas, com uma contestação declarada ao sistema, precisamente num ponto em que este deveria estar acima de qualquer crítica: os direitos dos trabalhadores. Em 1980 é fundado o sindicato Solidariedade, a situação política fica cada vez mais confusa e a contestação cada vez mais nítida, até que em Dezembro de 1981 sobrevém um inevitável golpe de Estado e é decretado o estado de emergência. É essencial ter em mente que **Przypadek** foi feito neste período anterior em alguns meses à lei marcial, ligeiramente histórico, de flutuação política. O filme, cuja distribuição só foi autorizada seis anos depois da sua realização, foi feito no auge deste período de incerteza – ou de certeza: diante de tanta contestação alguém poderia duvidar que aquilo iria desembocar na repressão? – o que se reflete nas hesitações do seu protagonista, que, como qualquer cidadão polaco, tem três possibilidades diante de si: aderir ao Partido ou seja ao sistema; aderir à contestação (então ativa e ativamente reprimida); ter uma vida tão neutra quanto possível. As três possibilidades serão exploradas, embora a opinião de um personagem talvez reflita a do realizador e a de muitos espectadores polacos de então: “Este sistema está condenado. É uma questão de tempo”.

O filme de Kieslowski reata com certas “experiências” narrativas de início dos aos 60, em que era explorada a flutuação dos dados narrativos, com a alteração da cronologia.

Isto é representado pelas três tentativas do protagonista de apanhar à última hora um comboio para Varsóvia: da primeira vez consegue; da segunda esbarra num polícia e não consegue embarcar; da terceira a proeza parece impossível e ele desiste. “*Este filme é sobre um homem e os dois outros homens que ele poderia ter sido se algumas pequenas coincidências tivessem sido diferentes*”, resumiu Joseph Kickasola num livro sobre Kieslowski. Vemos este homem, que nasceu em 1956, ano de diversos terramotos no mundo comunista (que incluiu uma revolta operária na Polónia, de que o seu pai tomou parte: ele próprio nasceu na véspera desta revolta) experimentar as três hipóteses que lhe são oferecidas (a primeira dura cerca de metade do filme), com resultados pouco concludentes, numa luta entre princípios de vida e um enfoque pragmático: na sua primeira “vida” o personagem conhece a decepção com o sistema e na segunda vê-se suspeito de traição. O filme explora a noção de possibilidade, afastando-se de uma narrativa linear posto que as três hipóteses são consideradas, mas mantendo todo o tempo uma articulação “realista”, pois “*os «possíveis» são sempre tratados com o realismo mais estrito e são sempre credíveis*”, mais exatamente são credíveis por serem tratados com realismo, sem a menor intenção de criar um ambiente onírico, de incerteza temporal e espacial, que seria especialmente contraditório com o tema político que está na base do filme. Cada uma das três partes de **Przypadek** se desenrola no presente, como algo vivido e não rememorado ou imaginado. A noção de acaso torna-se mais complexa à medida que fica claro que, embora o protagonista afirme que cada uma das suas escolhas foi uma deliberação sua e seja a mesma pessoa em três situações diferentes, é evidente que os factos são determinados por forças que estão além do controle do personagem e que os destinos e as posições políticas de cada um poderiam ter sido bem diferentes. O desenlace é especialmente surpreendente e de um pessimismo à toda prova: o espectador pensa que o filme chegou ao fim ao ver um avião, em que se encontram o protagonista e outros personagens que já vimos, descolar para Paris, para o exílio, talvez difícil, mas de onde as verdades poderão ser divulgadas e a luta poderá continuar. Mas, literalmente ao último segundo, o avião explode no ar e todas as possibilidades que se apresentavam ao protagonista são destruídas, num prognóstico bem pouco otimista sobre o futuro da Polónia, que os factos viriam a confirmar poucos meses depois do filme ter sido realizado.

Antonio Rodrigues